

# A SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS NAS ORIGENS

*Ir. Marcos Corbellini*  
*UNISINOS-RS*

## RESUMO

A Sociedade das Escolas Cristãs foi constituída nos finais do século XVII, na França. A leitura dessa criação pode ser feita à luz das novas concepções de estudo da História, fugindo da simples narrativa factual, centrada em um personagem. A dimensão associativa, a finalidade escolar e a dimensão cristã dessa Sociedade são analisadas como resultado de um trabalho coletivo, envolvendo o cônego João Batista de La Salle (considerado e chamado de Fundador) e os primeiros mestres-escolas. Essa ação conjunta compreendeu conflitos, êxodos, sucessos e fracasso, realizados dentro do contexto sócio-cultural da época, marcadamente cristão e com indicativos de uma preocupação da elite em impor sua cultura para a massa popular.

## 1. INTRODUÇÃO.

Falar sobre a Sociedade das Escolas Cristãs<sup>1</sup> nas origens significa admitir a possibilidade de lançar olhares sobre a história sob ângulos diferentes daqueles adotados pela ‘história oficial’, procurando perceber o viver e o pensar das pessoas e do grupo ou grupos que constituíram essa Sociedade em seus começos.

Novo olhar sobre a história significa procurar fugir da história factual e da narrativa, “superficial em todos os sentidos da palavra”, “um cadáver que não se deve ressuscitar, porque seria preciso matá-lo outra vez”, pois ela “dissimula, inclusive de si mesma, opções ideológicas e procedimentos metodológicos que, pelo contrário, devem ser claramente enunciados” (Le Goff, 1933:7). Quer dizer também “recusar o ‘ídolo das origens’, o ‘ídolo individual’, que leva a conceber a história como uma história dos indivíduos e não como um estudo dos fatos, em torno de um homem e não em torno de uma instituição...” (Le Goff, 1933:43). Quer dizer também “estar atento às relações entre presente e passado, isto é, compreender o presente pelo passado, mas também compreender o passado pelo presente” (Le Goff, 1933:34).

Quer dizer abrir-se a preocupações de ordem sociológica ou de outras ciências sociais: “quem são os verdadeiros agentes na história, os indivíduos ou os grupos? Será que eles podem resistir com sucesso a pressões das estruturas sociais, políticas ou culturais? São essas estruturas meramente restrições à liberdade de ação, ou permitem aos agentes realizarem mais escolhas”. Quais teriam sido sua “liberdade de escolha, suas estratégias, sua capacidade de explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos, para encontrar brechas através das quais possam se introduzir ou frestas em que consigam sobreviver” (Burke, 1992:31-32).

Sobretudo, quer buscar prover de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem, (...) recordando que a identidade da sociedade não foi construída apenas por monarcas, primeiros-ministros ou generais” ou, no caso da Sociedade das Escolas Cristãs, apenas por João Batista de La Salle, já que os “os membros das classes inferiores foram agentes, cujas ações afetaram o mundo (às vezes limitado) em que eles viviam” (Sharpe, 1992:60).

---

<sup>1</sup> Esta Sociedade, constituída no final do século XVII, na França, chama-se hoje Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, congregação religiosa voltada à educação, presente em mais de oitenta países.

Utilizando uma idéia de Delumeau: até agora a história das origens da Sociedade das Escolas Cristãs se limitou ao cimo. Ela tem se dedicado exclusivamente a João Batista de La Salle como Fundador e primeiro Superior da Sociedade: sua vida santa, a espiritualidade por ele proposta aos membros da Sociedade e aos educadores em geral, suas características de grande pedagogo e de mestre espiritual, suas qualidades administrativas, suas relações com autoridades e entidades civis e religiosas, sua capacidade criativa no campo pedagógico. Os primeiros mestres-escolas com quem se associou, tem sido tratados como personagens necessários, sim, mas extremamente secundários. Requer-se, então “uma conversão para o pesquisador que deseja agora reencontrar o 'qualquer' de outros tempos e saber como e em que medida ele praticava” (Delumeau, 1979:202) sua condição de membro da Sociedade.

Ou, como propõe Chartier: a história de um acontecimento social, durante muito tempo se baseou em uma definição redutora, confundida com a hierarquia das riquezas e das condições, esquecendo que outras diferenças, baseadas em outros tipos de pertença, são também plenamente sociais e suscetíveis de mostrar a pluralidade das práticas (Chartier, 1987:10). Em outras palavras, o acontecimento histórico e social que foi a criação da Sociedade das Escolas Cristãs pode ser estudado sob um ângulo distinto, enfocando as plurais contribuições advindas dos liderados, seja em forma positiva, seja até na forma de resistências a serem enfrentadas e assimiladas ou rejeitadas.<sup>2</sup>

Rever essa história será reconhecer que é impossível ignorar os primeiros mestres-escolas: essa mais de uma centena de pessoas vindas do meio popular urbano ou rural que participou da evolução e a ela aderiu ou resistiu. Eles ali estiveram e, juntos, tomaram as decisões necessárias para a criação e consolidação da Sociedade das Escolas Cristãs, tanto na dimensão comunitária quanto profissional. Se a dominação permeia o conjunto da vida social, a resistência está igualmente presente, não apenas de forma organizada, mas também sob formas “surdas”, “implícitas” (Cf. Araujo Vieira, 1991).

Sem esquecer a necessária liberdade diante desse conhecimento e desses conceitos: a raiz não é a árvore.

## **2. SOCIEDADE.**

### **2.1. A Sociedade das Escolas Cristãs construiu uma identidade própria em um contexto social marcado fortemente pela influência clerical, em busca de respostas a uma necessidade concreta: a educação cristã dos filhos dos artesãos e dos pobres.**

João Batista de La Salle não era educador. Este termo não é de seu tempo e ele pessoalmente só atuou em sala de aula algumas vezes, em substituição a algum mestre enfermo ou ausente.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Resistências as houve e é o que se pode postular, segundo Muchembled: “as normas e as disciplinas, os textos e as palavras, graças às quais a cultura da contra-reforma e do absolutismo real entendia submeter o povo, não significa que estes tenham realmente sido submetidos, total e universalmente. Pelo contrário, é preciso postular que um corte existiu entre a norma e o vivido, a injunção e a prática, o sentido visado e o sentido produzido” (Muchembled, 1988:15).

<sup>3</sup> Nos escritos lassalianos, assim são utilizadas algumas palavras: educador ou professor (nenhuma vez); educação (39 vezes); instrução, no sentido de ensinar as verdades do cristianismo (323 vezes); instruir, como verbo, no infinitivo ou conjugado (cerca de 300 vezes); mestre, seja referindo-se aos Irmãos como em outros sentidos (cerca de 1.000 vezes); Irmão ou Irmãos (1.389 vezes); ensinar, como verbo no infinitivo ou conjugado (cerca de 350 vezes) (La Salle, Oeuvres complètes, 1993).

João Batista de La Salle não nasceu santo. Quando foi canonizado, em 1900, a Igreja reconheceu a heroicidade de sua vida. Campos a descreveu e analisou como ‘um itinerário evangélico’, percorrido passo a passo, de compromisso em compromisso assumidos na dimensão da fé cristã (Cf. Campos, 1974).

João Batista de La Salle não era leigo: seu status, sua cultura, seu mundo era o clerical. O sacerdócio foi o caminho que João Batista de La Salle percorreu: recebeu a tonsura, em 1662, com onze anos; o canonicato, em 1666, com 15 anos; as ordens menores, em 1668; foi ordenado sacerdote, 1678, aos 27 anos de idade.

Ordenado sacerdote passou a integrar essa ordem com características privilegiadas dentro da sociedade de sua época, marcada pela interpenetração entre o ‘sagrado e o profano’. O léxico da França do Antigo Regime, ajuda a compreender o significado de alguns vocábulos, como ‘clero’ e ‘cônego’.<sup>4</sup>

Enquanto ordem - a primeira ordem do reino – o clero desempenha um papel proeminente na sociedade e na política. Entrar para o clero significa, também, na maioria dos casos, assegurar uma existência à sombra do poder, e a subsistência praticamente assegurada. São os que ‘rezam’, enquanto outras ordens ‘lutam’ e ‘trabalham’. Não se concebe um clérigo fora do quadro dessa ordem, da mesma forma que a ordem não existiria sem os seus membros (Cf. Audisio, 1996:89).

Ordem muito unida devido à suas funções ‘sagradas’ e sua fortíssima organização espiritual e, sobretudo, temporal. Reúne boa parte da sociedade francesa, sobretudo a urbana, embora não a maioria da população: a alta nobreza nos bispados e abadias; a alta burguesia nos capítulos e em conventos, mesclados com a pequena nobreza; o que se poderia chamar classe média nas paróquias e conventos mais modestos; ao povo quase pouco resta, com exceção de monges mendicantes e alguns padres desprovidos de benefícios. Decisões jurídicas de 1695 a 1698 ratificaram a divisão do clero em duas classes, devidamente chamadas de primeiras e segundas ordens, assegurando a sujeição do baixo clero aos bispos (Cf. Goubert et Roche, 1991:163).

Talvez seja difícil entender essa atração desmedida que o estado eclesiástico podia oferecer a um jovem desse tempo. Eram tempos de vida difícil, com a permanente ameaça da fome, epidemias, desemprego, trabalho de subsistência. Ter o que comer, o que vestir, onde morar constituía uma espécie de ideal de vida. Ora, tornar-se clérigo era assegurar esse mínimo de atendimento das necessidades básicas e outras vantagens. Ou seja, na maioria dos casos, tratava-se de uma promoção social e econômica, tanto para os jovens como para as moças que eram conduzidas aos conventos. No caso das famílias ricas ou nobres, o tradicional era que o primogênito herdasse os bens e os títulos dos pais, os

---

<sup>4</sup> O clero é a primeira ordem do reino. Ocupa lugar eminente que explica o papel desempenhado pelo catolicismo e pela religião. Tradicionalmente dividido em clero secular e clero regular. Durante esse período (século XVI ao XVII) o clero conhece vicissitudes, sofrendo ataques dos que contestam seu grande poderio como ordem ou invejam sua riqueza (Cf. Cabourdin, 1981: 64).

Os cônegos fazem parte do clero secular e são membros de um capítulo e detentores de uma prebenda. Normalmente são do meio urbano e de famílias de boa posição na hierarquia social. Em quase todas as partes, está assegurada a homogeneidade do recrutamento e a transmissão do canonicato no seio das mesmas famílias. Além de cumprir suas obrigações na reza do ofício divino, consagram boa parte do tempo livre ao estudo e aos debates das questões filosófico-religiosas se seu tempo. Suas bibliotecas, seus escritos, seu papel social nas cidades (assistência, escolas), atestam o valor dessa elite clerical (Cf. Cabourdin, 1981:58).

seguintes eram encaminhados ao exército ou ao clero, as moças aos conventos ou ao matrimônio (Cf. Audisio, 1996:109).

A estrutura organizacional da Igreja, na época, já tinha a complexidade que tem hoje. Numa concepção ampla, a Igreja era identificada com o ‘clero’ por oposição ao conjunto dos leigos, isto é, ou se era do clero ou não, ou se era da Igreja ou não. A carreira iniciava com a tonsura, que já podia ser concedida desde os sete anos de idade, mas não representava mais do que uma espécie de iniciação. Um tonsurado poderia optar pelo celibato ou pelo matrimônio. Decidindo prosseguir, o candidato receberia as ordens menores (porteiro, leitor, exorcista, acólito), normalmente de uma vez só. Viriam depois as ordens maiores: o sub-diaconato exigia o celibato, o diaconato que autorizava a batizar, pregar e ler publicamente do Evangelho. Finalmente, o sacerdócio, a ordem por excelência, de caráter irrevogável. Era exigido ao menos 24 anos de idade, boa saúde e reputação, não ser filho ilegítimo nem filho de padre ou herético. Após o concílio de Trento, o decreto de Orleans (1561) determinou que só poderia ser ordenado quem já dispusesse de um benefício eclesiástico ou comprovar algum título patrimonial que lhe assegurasse uma renda anual de 50 libras (aumentadas posteriormente até chegar a 200), habitualmente garantidas pela família. E o candidato deveria passar por um seminário, caso houvesse (Cf. Goubert et Roche, 1991:359).

## **2.2. A partir dos primeiros contatos com os primeiros mestres-escolas e depois ao longo da trajetória de sua vida, João Batista de La Salle, sozinho ou juntamente com eles, teve que passar por várias mudanças e realizar vários êxodos.**

O êxodo familiar: deixar a casa paterna e praticamente desligar-se de sua família para juntar-se a um grupo de leigos; no caso de João Batista de La Salle a mudança realizada de passo em passo (alugar uma casa para os mestres, 1680; trazê-los para residir em sua própria casa, em 1681; passar a residir com eles, em 1682). João Batista de La Salle, alguns anos depois desses acontecimentos, fez a sua leitura sobre o vivido durante os mesmos:

“Eu imaginava – dizia em um memorial que ele mesmo escreveu para informar os Irmãos sobre o modo como a Divina Providência dera origem ao Instituto – que o cuidado que tomava das escolas e dos mestres seria simplesmente exterior e não me levaria além da solicitude que desenvolveria para assegurar-lhes a subsistência e velar para que exercessem a profissão com piedade e zelo”.

“... se tivesse suspeitado que o cuidado de simples caridade que eu tomava pelos mestres-escolas me levaria até obrigar-me a viver com eles, tê-lo-ia abandonado. Pois, por reação natural, considerava inferiores a meus lacaios aqueles que teria que empregar nas escolas, sobretudo no começo. Só a idéia de viver com eles me seria insuportável. E, de fato, experimentei grande repugnância quando, no início, vieram em minha casa, o que durou dois anos. Acho que deve ser o motivo pelo qual Deus, que tudo dispões com sabedoria e suavidade e não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo induzir-me a ocupar-me das escolas, o fez de modo imperceptível e em etapas sucessivas, de maneira que um compromisso me levava a outro, sem nada poder prever desde o início”.

(Blain, 1733:169).

Mais claramente no caso de João Batista de La Salle, o êxodo acontece da condição econômica privilegiada para o meio pobre, exigindo renúncias: renúncia à

prebenda de cônego; renúncia aos bens pessoais e a decisão de não utilizá-los para ‘fundar’ (prover de fundos) a comunidade de mestres (nesse momento já tendo adotado o nome de Irmãos), e as escolas, e a decisão concomitante de distribuir esses bens aos pobres, por ocasião de uma das muitas crises de alimentos da França (1684-1685), conservando apenas uma renda anual pessoal de 200 libras, seguindo orientação do confessor, e respeitando as exigências de sua posição sacerdotal.

A renúncia aos bens e sua distribuição aos pobres pode ser objeto de uma outra leitura. Segundo Gallego (1986:175), a fortuna pessoal de que dispunha, após os acertos dos bens de família, chegaria à cerca de 18 mil libras (moeda corrente na época). O valor normalmente cobrado para a manutenção de um professor era de 200 libras anuais. Com as 18 mil libras seria possível: manter noventa professores durante um ano; manter dez professores durante nove anos. Com os juros sobre o capital, em torno de 10 % ao ano, seria possível manter nove professores por um tempo praticamente indefinido. Essas alternativas limitavam qualquer projeto de crescimento. Por outro lado, em as adotando, estaria ‘fundando’, isto é, provendo de fundos a obra que iniciava. Com isso, haveria o risco de perder as doações que existiam e certamente afastaria quem pudesse vir a se interessar em fazer o bem através das escolas.

O êxodo da condição clerical e da proteção da Igreja constituída: abandono da vocação de cônego (que já “não lhe dizia mais nada”, conforme Blain); de uma Igreja rica, da qual poderia usufruir benesses e garantias e influência política, para uma Igreja pobre; a adoção de um modo de trajar não clerical (também não secular); a saída da diocese de Reims, abrindo mão da segurança que lhe oferecia o arcebispo dessa cidade; a criação da sociedade das escolas cristãs, sociedade leiga, e a decisão sobre o laicato para a mesma; o envio de um dos sócio-fundadores, Gabriel Drolin, amigo pessoal de João Batista de La Salle, para Roma.

O êxodo cultural de João Batista de La Salle: inculturação progressiva no mundo dos pobres, representados pelos mestres e pelos alunos; adoção dos hábitos dos mestres, incluindo modo de morar, de se vestir, de se alimentar, de conversar; tomada de consciência da situação dos pobres, afastados dos meios de ‘salvação’ e de levar uma vida digna, ao menos de acordo com os seus padrões; desprendimento da cultura resultante de sua formação teológica, adotando uma cultura nova, a da educação. Do lado dos mestres, as relações iniciais com João Batista de La Salle e sua família, e as subseqüentes relações que foram sendo exigidas devido ao trabalho nas escolas.

### **2.3. A criação da Sociedade das Escolas foi obra coletiva, feita em conjunto por João Batista de La Salle e os primeiros mestres-escolas.**

Difícil afirmar que, desde o começo, João Batista de La Salle e os mestres tivessem a intenção de criar uma sociedade. Alguns indícios, ao menos numa primeira concepção de uma comunidade de mestres, podem ser lidos em uma carta endereçada aos responsáveis pela localidade de Château-Porcien, em resposta à solicitação de professores. Presume-se que a informação da existência desse grupo iniciante de pessoas dedicadas à escola tenha sido fornecida aos notáveis da vila por um sacerdote que convivía com João Batista de La Salle em sua casa (Cf. Gallego, 1986:156). Nessa carta, ele se compromete a enviar dois mestres de escola de “nossa comunidade”, no próximo sábado, que deverá satisfazer para iniciar sua escola no dia seguinte ao da festa de São Pedro (Cf. La Salle. *Les lettres*. La 111. Félix-Paul, 1954:367).

Ninguém se associa se não se compromete com o grupo. João Batista de La Salle e os primeiros mestres-escolas, convivendo juntos começaram a adquirir uma consciência cada vez maior das exigências dessa vida em comum e das necessidades da associação que vão formando: identidade comum, valores comuns, espírito comum, finalidade comum. Os primeiros passos dessa tomada de consciência comum se expressam na adoção do nome, no hábito, na decisão de constituírem comunidade e elaborarem regras e normas de convivência, todas firmadas mediante o voto de obediência. Um compromisso no grupo ou comunidade, significando uma ruptura com um modo de vida anterior. É o que comenta Delachaux (1991).

Por volta de 1689/1690, João Batista de La Salle redigiu o que se conhece como “Memorial sobre o hábito”, procurando defender o uso pelos Irmãos da veste singular que haviam adotado, contra a insistência do pároco de Saint-Sulpice, em Paris, de pretender que os Irmãos utilizassem um traje eclesiástico.

O texto, intitulado “Se vem a propósito mudar ou conservar o hábito que usam atualmente os Irmãos da comunidade das Escolas cristãs”, apresenta uma minuciosa descrição da comunidade e dos que a compõem (Cf. Hermans, 1962). Uma primeira explicitação da identidade do grupo: o nome, sobre que está fundada (‘financiada’), como vivem, sua dependência mútua em tudo, sem propriedade, sua vida uniforme, a finalidade que é de manter as escolas gratuitamente e somente nas cidades, e de “fazer o catecismo” todos os dias, mesmo os domingos e dias de festa.

Outras atividades às quais a comunidade se dedica: a formação de mestres-escolas para o meio rural, em uma espécie de seminário separado da comunidade, e a preparação de jovens interessados em fazer parte da comunidade.

Características sócio-culturais dos membros da comunidade: leigos e “sem estudos” e com pouca capacidade. Os que se apresentaram tonsurados ou com algum estudo eclesiástico tinham desistido. Parece que era importante caracterizar dessa forma para que o pároco de Saint-Sulpice não se manifestasse interessado em orientar os Irmãos para o sacerdócio ou para atividades na paróquia, comum entre os mestres de escola da época.

O traje, descrito minuciosamente em vários parágrafos, não é algo recente, mas foi uma escolha estudada e já vinha sendo utilizado há mais tempo, pelo menos cinco anos, em cinco cidades diferentes, tanto em Reims como em Laon, dioceses cujos bispos ou párocos nunca se opuseram a seu uso, o que deve provocar algum respeito ante as pretensões do pároco.

O hábito representa muito para este grupo, como elemento externo que os identifica em suas características próprias: eles se percebem semelhantes a outras comunidades de seu entorno, reconhecem suas limitações sendo a veste comum um limitador de suas atitudes, sobretudo em relação ao ‘mundo’ que abandonaram, sentem mais facilidade em assumir o espírito do grupo, já não se consideram como empregados de alguém que lhes financia a vida e paga o trabalho. Segundo Delachaux, o hábito é um ponto de mudança entre o antes e o depois da constituição da comunidade (Cf. Delachaux, 1991).

O nascimento da Associação acontece através de atos formais, quando cada um individualmente assume um compromisso radical com os demais, expresso através de votos. São dois momentos distintos, mas que guardam uma relação de continuidade.

O primeiro momento, em 1691 (chamado por Hermans de ‘Voto Heróico’), ficou conhecido somente após o retorno de Gabriel Drolin de Roma. Nesse contrato, o centro da questão é a ‘associação’. Provém de uma convicção, de uma tomada de consciência da necessidade de garantir a continuidade da obra através desse laço

associativo. O Voto constitui uma associação de três pessoas: João Batista de La Salle, Gabriel Drolin e Nicolás Vuyart. Começa com uma forte invocação da Santíssima Trindade, à qual é feita uma consagração. Continua com a especificação dos compromissos que assumem juntos: procurar com todas as forças e empenho o estabelecimento da Sociedade das Escolas Cristãs, da maneira que pareça ser mais agradável a Deus e mais vantajosa para essa Sociedade. Para isso, desde agora e enquanto um dos três viver, ou até que a Sociedade seja constituída, se associam e se unem em torno à meta comum. Nenhum poderá desistir antes de atingida a meta, mesmo que restarem apenas os três ou tiverem que viver de esmolas. As decisões que serão tomadas para o bem da Sociedade o serão por unanimidade e de comum acordo.

Três anos depois, em 1694, a meta está atingida. A constituição da Sociedade acontece através da formalização e ampliação da associação pelo compromisso firmado de doze membros mais João Batista de La Salle. Alguns aspectos são semelhantes ao de 1691. A mesma consagração à Santíssima Trindade, o compromisso expresso de cada um de permanecer em sociedade com os demais, mesmo que tenham que viver de esmola. O objetivo muda: agora se trata de manter a finalidade pela qual a Sociedade foi erigida, isto é, de manter juntos e por associação as escolas gratuitas. Mudam também os compromissos que definem a associação: o de obediência e o de estabilidade. A obediência será tanto para o ‘corpo da Sociedade’ (que não é definido) como para os Superiores que a conduzirão. E a obediência é assumida para exercer nesta Sociedade o emprego que for mandado.

Essa cerimônia de constituição de sociedade é seguida imediatamente por uma reunião ou assembléia dos treze sócios (o grupo de doze Irmãos e João Batista de La Salle), na qual se elege (por unanimidade em dois escrutínios) a este como superior e se faz opção pelo caráter leigo da Sociedade: ninguém poderá ser Superior se não estiver associado e nenhum associado será aceito se não for leigo. Decisão sem dúvida histórica que marca uma ampliação e um aprofundamento progressivos da associação de fato, frente a novas criações, dificuldades, problemas, ingresso de novos membros, ou saída de outros. A Sociedade das Escolas Cristãs vai consolidando e irradiando seu ‘carisma’ para fora de si mesma, a medida em que vai atendendo às solicitações que vem de vários lugares para assumir escolas.

Uma carta, escrita e assinada pelos ‘principais Irmãos’ ordenando o retorno de João Batista de La Salle do sul da França, em 1714, caracteriza a assunção das implicações associativas. Essa carta demonstra que a associação está compreendida, interiorizada, por esses Irmãos, vinte anos após a sua constituição, e os compromissos decorrentes são aqui ‘invocados’ na petição de auxílio. O ‘Corpo da Sociedade’ existe, atua, funciona. Está disposto a um caminhar de forma autônoma (Cf. Hermans, 1960).<sup>5</sup>

Hermans, na introdução de seu estudo sobre as origens da Sociedade, faz um interessante comentário sobre esse conjunto de ações de criação da mesma:

“Sem nenhuma dúvida, o Sr. De La Salle desejava para sua obra uma posição que ultrapassasse aquele de uma confraria ou de uma simples associação de fiéis. É pouco provável que ele ambicionasse para ela a qualidade de ordem religiosa canonicamente erigida. Parece mais que seu pensamento se fixou em uma ou outras dessas duas formas intermediárias e quase equivalentes: a sociedade de vida comum sem votos públicos e a instituição de votos simples e públicos. As páginas que seguem não

---

<sup>5</sup> Burkhard (1999) traz um excelente estudo crítico dessa carta.

justificarão senão em parte esta última hipótese: provavelmente serão suficientes para eliminar as duas primeiras, e isto já será muito” (Hermans, 1960).

Associatividade é uma característica da época, especialmente nos meios urbanos, contrariamente ao que acontecia no meio rural. Ora, a cidade, o meio urbano, foi uma opção que desde cedo a sociedade fez para assumir escolas.<sup>6</sup>

### **3. CRISTÃ.**

#### **3.1. Ser cristão, nessa época, não é uma opção entre várias: é a única possibilidade existente de ser aceito na sociedade.**

Para compreender isso, será preciso ressaltar algumas características da época em que se constituiu a Sociedade das Escolas Cristãs, e de forma ampla o espaço e o tempo em que ocorreu esse processo, a França de 1679 a 1725.

O final do século XVII e início do século XVIII, na França, foi um tempo que marcou profundamente a civilização ocidental, pela passagem do final da idade média para a modernidade e o iluminismo, sendo o período auge do regime monárquico absolutista. A figura que domina o cenário no país mais populoso, mais rico, mais católico da Europa, é a figura do rei de Luís XIV.

Na França, embora tardiamente, estava em plena implantação a Contra-reforma Católica, iniciada mais de um século antes pelo Concílio de Trento. Essa reforma priorizava a fidelidade aos dogmas católicos que deviam ser conhecidos pelo povo, a formação do clero secular, a disciplina do clero regular, a participação nos ritos sacramentais, a obediência à autoridade como representantes de Deus. Houve os enfrentamentos com a Reforma Protestante e Calvinista, e que o rei procurou resolver pela revogação do Editto de Nantes e pela força.<sup>7</sup>

Poder civil e religioso atuavam com um objetivo comum de cristianização do povo, mesmo com atribuições e responsabilidades distintas em algumas áreas, como a assistencial. Para alguns autores estava em execução um projeto de aculturação do povo pela elite, cujo término se dará na Revolução francesa e cujo sucesso é no mínimo questionável. Projeto que utilizava todos meios institucionais existentes, entre os quais as escolas, que cada paróquia devia ter e manter. Projeto que incluía a implantação dos costumes e hábitos da elite - modo de falar, modo de portar-se, modo de vestir, modo de controlar o corpo - para todo o povo, caracterizando uma ‘civilização dos costumes’, da aparência.

Foi o período que alguns autores chamam de “crise de consciência” (Hazard, 1964; Latreille, 1960). Surgiram figuras como Pierre Bayle, Spinoza, Richard Simon, Leibnitz, Pufendorf, Locke, - que encontrarão uma muralha aparentemente invencível em

---

<sup>6</sup> Nas cidades, cada um pertence a um “corpo”. Este “corpo” possui estatuto jurídico aprovado pela autoridade jurídica e administrativa, e com frequência recebe subvenções. Reveste-se de um caráter religioso simbolizado pela consagração a um santo padroeiro. Tem seus próprios ritos de admissão, sua hierarquia, os chefes. Tem um “espírito” peculiar e reivindica um lugar especial em cerimônias populares como os grandes desfiles e procissões e um espaço político nas eleições dos edis municipais. (Cf. Goubert et Roche, 1991:161).

<sup>7</sup> A sociedade, na visão tradicional, estava dividida em três ordens, embora “essa estrutura jurídica e política vinda de raízes indo-européias, mesmo que continue a existir no imaginário e na representação mental de muitas pessoas da época, não demonstra senão imperfeitamente as realidades sociais” (Constant, 1994:11).

Bossuet e Fénelon -, assim como outros pensadores que começavam a por em cheque o conceito de que há verdades eternas, intocáveis, absolutas, diante das quais as mentes e os corações deviam expressar aceitação incondicional para poder alcançar a salvação.

Contudo, será preciso estar atento, conforme Chartier, em não admitir sem matizar a divisão em períodos clássicos que consideram a primeira metade do século XVII como o tempo da grande ruptura, contrastando fortemente uma idade de ouro da cultura popular, viva, livre, e o tempo da disciplina eclesiástica e estatal, que a reprimem e submetem. Por este esquema, as ações conjugadas do estado absolutista, centralizador e unificar, e da Igreja da reforma católica, impondo disciplinas novas, inculcando novas submissões, ensinando novos modelos de comportamento, teriam destruído em suas raízes uma maneira tradicional de ver e de viver o mundo (Chartier, 1987:14). Para Garnot este empreendimento foi um fracasso:

“as elites tudo fizeram, no século XVII para modificar em profundidade as mentalidades populares: dirigiram e impulsionaram uma imensa obra de adestramento dos espíritos e dos corpos. Mas este empreendimento estava votado ao fracasso: primeiro porque lhe faltaram meios e sofreu dissensões internas; sobretudo porque a força e a coerência da cultura popular eram tais que sua resistência era, sem nenhuma dúvida, insuperável” (Garnot, 1990:212).

Se nas cidades, os estratos superiores, em sua maioria, aderiram a esses valores propostos pelas elites, não constituem grande número; pois os estratos inferiores, a grande maioria, não só os recusaram, mas combateram... (Idem).

### **3.2. O processo de constituição da Sociedade das Escolas, envolve duas culturas diferentes que se defrontam, imersas num mundo cristão.**

Há dois mundos diferentes e até antagônicos que se encontraram no decorrer desse processo de criação da Sociedade das Escolas Cristãs. As concepções de pessoa e de vida, os comportamentos e atitudes relacionais, os valores de natureza religiosa e social, a posição de cada um na estrutura social, a concepção de educação e ensino: duas culturas que coincidiram no tempo e no espaço e que se irão mesclar entre conflitos e tensões e mútua colaboração, consolidando gradualmente uma Sociedade com características peculiares e com uma identidade nova dentro do contexto social e eclesial da época.

João Batista de La Salle, cônego da Catedral de Reims, doutor em Teologia, aluno da Sorbonne e do Seminário de Saint-Sulpice, filho de magistrado, pertencia ao mundo da elite que, a par da atitude de desprezo e aversão para com o mundo dos pobres, pretendia levá-los à salvação eterna pela adoção de seu modo de pensar e de ser cristão.<sup>8</sup>

Os primeiros mestres-escolas, eram gente do povo, destinatários dessa pretensão da elite: quase analfabetos ou sem preparo específico para a função de mestre-escola, em situação econômica nos limites da pobreza ou da miséria, sem grandes

---

<sup>8</sup> No dicionário de Furetière (Dictionnaire universel, 1690) o povo era definido por exclusão: 'reunião de pessoas que habitam um país'; 'diz-se também mais particularmente por oposição aos que são nobres, ricos e esclarecidos'. Mais: 'o povo pequeno, o povo miúdo, o comum do povo é mau e sedicioso'; 'mesmo que seja cristão, ele se deixa levar a muitas práticas supersticiosas e cerimônias que os prelados se esforçam de suprimir'. Desprezo comum nas elites que consideravam ser o povo não mais do que uma massa inerte, um peso morto (citado e comentado por Garnot, p. 80). Ao mesmo tempo, povo dotado de valores tais como um grande senso de associativismo, de solidariedade e com religiosidade intensa.

perspectivas de trabalho que não fosse nas corporações ou nos serviços dos ricos, ignorantes com relação à doutrina da Igreja. Essas duas realidades se encontraram quando João Batista de La Salle e os mestres-escolas passaram a trabalhar e a conviver e, passo a passo, foram vivendo a aventura de constituir uma Sociedade que, em última análise, participou, consciente ou inconscientemente, desse mesmo projeto de aculturação.

O resultado que foi sendo alcançado em termos de organização, de formação de uma identidade profissional, de projeto educativo, de projeto religioso, de sistematização do conhecimento pedagógico, de divulgação desse conhecimento, e de sua aplicação no número crescente de escolas que a Sociedade foi sendo convidada a dirigir, veio da contribuição desses dois mundos. E isso se mostrará neste trabalho.

Tem-se estudado, nos últimos anos, a questão da cultura popular nos séculos XVI a XVIII, na tentativa de caracteriza-la como diferente daquela dos dominantes, da gente de Igreja e da nobreza, culturas situadas nos limites de fronteiras, sem dúvida móveis, mas passíveis de delimitação (Cf. Chartier, 1987:9). Mais especificamente, em relação à religião, diz o mesmo autor, a instituição eclesiástica trabalhou para que ela fosse, não apenas regulamentada, depurada, censurada, mas que a sociedade inteira adotasse a maneira de pensar e de viver a fé dos clérigos. Um imenso esforço pedagógico foi feito visando a que a maioria da população interiorizasse as definições e as normas elaboradas pela instituição eclesiástica. A religião 'popular' é, pois, ao mesmo tempo aculturada e aculturante: ela não é nem radicalmente distinta da religião dos clérigos, nem totalmente modelada por ela (Cf. Chartier, 1987:9).

Um aspecto que caracteriza fortemente esse período, portanto, é a proposta da elite - aqui entendida como os membros do Estado e da Igreja - de reprimir a cultura popular, de fazer com que a sua cultura fosse assimilada por todo o povo. Esse movimento inicia nos meados do século XVI, e situa-se num contexto mais amplo de ruptura com a Idade Média, que se poderia caracterizar em três aspectos: o da transição do feudalismo para o capitalismo, com alterações nas infraestruturas econômicas; as estruturas políticas se reorganizam ao redor da noção de monarquia absoluta; as mentalidades são marcadas pela expansão de um cristianismo militante e revivificado (Cf. Muchembled, 1978:381).

Garnot enfatiza a realidade da cultura popular, "feita de maneiras de viver e de pensar que lhe são próprias" e o empreendimento das elites de "adestramento cultural", embora procure demonstrar, contrariamente ao que afirmam muitos outros autores, que esse empreendimento não logrou o resultado almejado (Garnot, 1990:12).

Mesmo que não haja nenhum estudo específico sobre a cultura própria dos primeiros Irmãos, pode-se concluir, por sua origem, que traziam para dentro da Sociedade, os traços marcantes da cultura popular. Damon (1973) apresentou um estudo da origem por diocese e das profissões dos pais dos Irmãos ingressados na Congregação antes de 1789. O estudo baseia-se no "Catalogue des Frères des Ecoles Chrétienne de Melun (1686-1776) XVIIe et XVIIIe siècles" - depositado na Bibliothèque Nationale - França - sob número 11122. O Cahiers Lasalliens número 3 publica este catálogo, além do "Livret des premiers vœux", guardado nos arquivos da Casa Generalícia, em Roma.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Este estudo apresenta uma relação de 161 nomes de Irmãos sobre um total de 1420, dos quais conseguiu identificar a origem geográfica e a profissão dos pais: notáveis (nobres e burgueses) - 3 - 1,9%; funcionários públicos - 5 - 3,1%; comerciantes - 21 - 13,2%; mestres de escola, mestres-escrivães, cirurgiões, clérigos - 7 - 4,4%; artesãos - 54 - 34%; empregados - 9 - 5,7%; operários das cidades - 11 - 6,9%; lavradores - 12 - 7,5%; vinhateiros e agricultores - 9 - 5,7%; diaristas - 26 - 16,4%; marinheiros - 2 - 1,2% (Damon, 1973: Manuscrito).

Citando este estudo, Chartier ressalta que, diferentemente do clero secular, que recrutava essencialmente entre os filhos lavradores, dos funcionários públicos e comerciantes, a Sociedade das Escolas Cristãs acolhe filhos de artesãos, de operários das cidades e do campo (Cf. Chartier, 1976:71).<sup>10</sup>

#### **4. ESCOLA.**

##### **4.1. A escola neste tempo: espaço e tempo organizados para a disciplinação dos corpos e das mentes, um ambiente afastado do mundo, este um lugar de pecado.**

Impossível pensar a escola desse tempo com categorias que empregamos hoje: dimensão política; formação da consciência crítica; escola democrática; cidadania; educação libertadora; projeto pedagógico; interdisciplinaridade; etc.

A escola desse tempo era pensada e organizada de acordo com as categorias da época e dentro da finalidade específica que a Igreja e o Estado lhe designam. Para a Igreja, trata-se, sobretudo, de implantar as determinações do Concílio de Trento, o que vale dizer, combater a Reforma Protestante, assegurando a hegemonia católica e a influência de Roma. O Estado do 'rei católico' segue esta mesma linha. Para Gropstein (1984:18) é com a intenção de extirpar a heresia mais do que elevar o nível cultural da nação que o Estado intervém, através de decretos, na organização e expansão das pequenas escolas, deixando, contudo, a responsabilidade financeira às comunidades.

O seguimento desta política implica em controle dos tempos e dos corpos, atestando ao mesmo tempo a indocilidade do cidadão ante as injunções do poder e a convergência do interesse cristianizador do clero e da polícia de costumes (Cf. Chartier, 1987:27). A organização escolar vai também se orientar para esse duplo controle.

A própria infância, destinatária do ensino e da instrução nas pequenas escolas sofre as conseqüências de uma concepção estreita e rigorosa. Predomina em relação a ela um sentimento profundo de desconfiança. Ela deve viver afastada do mundo, sempre em presença de adultos que a domesticuem e impeçam que se deixe levar por seus caprichos (Cf. Snyders, 1965:47-48).

A vigilância constante para moldá-la, que é a grande finalidade dos internatos instituídos no século XVII, em coerência com a mentalidade da época, passa também a ser elemento fundamental nas pequenas escolas, pois é necessário manter a criança dentro da pureza do ambiente escolar (Cf. Snyders, 1965:134).

A criança é considerada fraca, culpável, deve ser incessantemente vigiada, preservada, separada das tentações do mundo; só uma constante disciplina e exercícios duros e exigentes possibilitarão que ela vença sua natureza frágil. Ela tem necessidade de exercícios regulares nos quais será guiada de perto, cada momento determinado por alguma regra (Cf. Snyders, 1965:209).

Nesse contexto, a escola que a Sociedade das Escolas oferece ao mundo francês e às localidades que vão atendendo a medida em que solicitações são feitas e os contratos

---

<sup>10</sup> Outros dados com relação aos Irmãos que ingressaram na Sociedade até o ano de 1725: de um total de 267 dos quais se tem alguma informação, 163 morreram como Irmãos, 82 abandonaram a Sociedade, 18 foram "demitidos" e de quatro não se tem esse tipo de informação. A média de idade de ingresso, sobre 200 sobre os quais se tem a data e a idade de ingresso é de 24,36 anos. Em relação à idade média de morte, dos que faleceram como Irmãos, e dos quais se tem os dados necessários, é de 57,7 anos.

acertados, praticamente não apresenta nenhuma inovação fruto da criatividade dela mesma. O que eles souberam fazer, inteligentemente, foi organizar e sistematizar os avanços ‘pedagógicos’ da época.

João Batista de La Salle e os mestres-escolas viveram em meio a um movimento escolar favorável ao surgimento das escolas populares, chamadas de ‘petites écoles’.

Movimento que, conforme Rigault (1937), tinha sua dimensão espiritual, com a formação, dez anos antes do nascimento de João Batista de La Salle, por Adrien Bourdoise, de uma associação de oração, colocada sob a invocação de São José, para suscitar mestres que fossem verdadeiros educadores. Sua dimensão social, na medida em que em toda a França se podia constatar o começo de uma cruzada em favor do ensino popular, o qual verá, no período de reinado de Luiz XIV, um ritmo acelerado. Sua dimensão pedagógica, com destaque para Comenius, já que suas idéias, notadamente sobre a organização escolar, sobre o ensino dado na língua materna, sobre o papel da intuição, se infiltrarão, “por essa endosse que é mais forte que as prevenções e ignorâncias” (Cf. Rigault, 1937:26).

É um período bastante rico em personalidades que se dedicam à educação e que tiveram influência neste período: os Jesuítas, com a edição da *Ratio Studiorum* (Messina, 1548); Nicolás Barré (1621-1686; 1685, *Status, Conseils spirituels*); Charles Démia (1637-1689; 1666, “*Remontrances...*”, “*Réglement...*”, Lyon); Adrien Nyel (1621-1687), leigo originário da diocese de Laon; Nicolas Roland (1642-1678); Pierre Fourier (1597, “*Constitution*” das Irmãs de Notre Dame des Écoles, Reims); J. de Batencour (1654, *L’École Paroissiale*, Paris, Saint Nicolás du Chardonnet).

Assim como algumas situações ensino já vão acontecendo em diversos lugares da França e mesmo da Europa: tentativas de ensino da leitura em língua francesa ao invés do latim; progressos na aprendizagem dos rudimentos; multiplicação das Pequenas Escolas; progresso na disciplina escolar; noção da infância em emergência; dinamismo da Igreja, auxílio do Estado; preocupação caridosa com os pobres; demanda popular por escolarização; ensaios de ensino simultâneo; as escolas de Port Royal.

É preciso ressaltar mais uma vez o papel destacado da Igreja nesse movimento educacional, já que lhe cabe, responsabilizada pelo Estado, controlar e supervisionar a aplicação das leis tanto dessa área como pela saúde. A ação da Igreja se faz concreta a partir dos concílios provinciais franceses realizados no século XVI, que vão gradativamente obrigando a criação de escolas por todas as dioceses (Cf. Viguerie, 1978:43) contando com a colaboração das populações e com o apoio legal do Estado (Cf. Taveneaux, 1994:176).<sup>11</sup>

#### **4.2. João Batista de La Salle e os mestres-escolas consolidaram a profissão de mestres, com uma identidade nova na sociedade.**

Na História da educação, muitos autores concordam em afirmar que a grande contribuição de João Batista de La Salle nessa área foi a constituição de um grupo (comunidade) de professores dedicados ao ensino escolar, e que se preparavam para essa

---

<sup>11</sup> Para Viguerie, a Reforma Católica, iniciada com o Concílio de Trento, é um imenso empreendimento de ensino (Cf. Viguerie, 1978:41), com a preocupação de ensinar as verdades de fé, a doutrina, o sentido dos mistérios e a utilidade dos sacramentos. Crer, neste tempo, é crer distintamente, explicitamente, ter bases sobre o conhecimento, apoiar-se na inteligência (Cf. Viguerie, 1978:41-42). Ter fé é conhecer a Deus, diria Calvino (Cf. Viguerie, 1978:42), e a Igreja Católica segue a mesma concepção.

tarifa, assumindo-a com uma dignidade diferente da que era aceita até então (Cf. Hengemüle, 1997).

Não deixa de impressionar a transformação operada na concepção que João Batista de La Salle tinha inicialmente dos mestres-escolas – pensando neles como pessoas de categoria inferior a de seus laicos - até chegar a chamá-los e a dizer que deveriam considerar-se como ministros, cooperadores de Jesus Cristo, e considerar sua função semelhante à dos Bispos e grandes pastores da Igreja (Cf. La Salle, *Meditações para o Tempo do Retiro*).

O problema ligado aos mestres era de generalizado. Com exceção dos mestres-escrivães, os mestres das pequenas escolas davam a impressão de constituir um conjunto desunido e desorganizado, frágil e instável, carentes de formação. Mas era um grupo que crescia em número, devido à crescente demanda de educação para o povo. Exigiam-se duas coisas desses mestres: moralidade e conhecimentos básicos. Não havendo instituições especializadas para prepará-los, as autoridades que os contratavam submetiam os candidatos a um exame e buscavam informações sobre sua vida e costumes (Cf. Morales, 1992:181).

Problema que era colocado para as autoridades municipais com relação aos colégios, que atenderiam as elites, mas que não era diferente relação às pequenas escolas: a instabilidade dos professores e a dificuldade de numerosas cidades de assegurar o financiamento regular da obra. Como conseqüência, em muitas cidades o projeto de confiar a educação de suas crianças e jovens a uma congregação religiosa (Cf. Chartier, 1980:249).

#### **4.3. A Escola e a Sociedade das Escolas foram construídas de fracasso em fracasso, ou de crise em crise, ou por tentativas e erros.**

Foi um tempo por si mesmo de crise, em muitos sentidos, inclusive o das idéias, ou dos paradigmas, como afirma Santos:

“Em Pasárgada 2 estuda-se com muita atenção o século XVII porque foi um século em que circularam vários paradigmas científicos. Por exemplo, conviveram a par e par o paradigma ptolemaico e o paradigma copernicano-galilaico. Talvez por isso se aceitou neste século a relativização do conhecimento, a distância lúdica em relação às verdades adquiridas e se viveu o fascínio por outros mundos, outras formas de pensar e agir, enfim, outras formas de vida” (Santos, 1999:325).

Algumas crises ou fracassos da Sociedade das Escolas Cristãs podem ser recordados: a destituição de João Batista de La Salle como superior e a nomeação de outro, por volta de 1702; os seguidos processos movidos contra a sociedade pelos mestres das pequenas escolas e pelos mestres calígrafos, resultando no fechamento de todas as comunidades e escolas de Paris, por volta de 1705-1706; o caso do abade Clément, pelo qual João Batista de La Salle foi condenado como ‘corruptor de menores’, com pesada multa; a conseqüente ‘fuga’ de João Batista de La Salle para o sul do país; o retorno de um dos Irmãos enviados a Roma e a demora de conseguir os resultados almejados na ‘cidade eterna’; o abandono dos primeiros mestres, nos começos, e de Irmãos, alguns destacados em sua função, e de um dos sócios do ‘voto heróico’; as insatisfações resultantes de tomadas de decisões erradas por parte de João Batista de La Salle.

Se, como diz Blain, os Irmãos, em geral eram benquistos e estimados pelos alunos, também acontecia o inverso. Groperrin tem um texto em que se pergunta se os Irmãos eram mal amados. Poder-se-ia pensar que os Irmãos, que se propunha dar

gratuitamente uma educação segura e um ensino de qualidade, eram acolhidos de braços abertos pelas autoridades das cidades. Ora, ele provaram, freqüentemente, as piores tribulações. Para entender, convém observar o que se passou em algumas cidades (como Dole, Abbeville, Amiens). É preciso ressaltar que os temores não eram infundados: pouco após a chegada em Meaux de cinco lassalistas, em 1729, todas as escolas paroquiais de jovens da cidade desapareceram. Em Avignon, vinte e um mestres assinem, em 1711, um protesto contra o estabelecimento de escolas dos Irmãos, denunciando em particular a pseudo-gratuidade de seu ensino. Nessa petição afirmam que os Irmãos obrigam os alunos a comprar todos os meses seus livros que pagam três vezes mais caro, e o mesmo com relação aos demais materiais escolares como tinta, penas, papel, venda sobre as quais os Irmãos têm um lucro considerável. Dos vinte e um signatários, três somente exercerão ainda em 1747 (Cf. Gropserrin, 1984:64).

#### **4.4. As fórmulas que eles foram desenvolvendo coletivamente foram altamente satisfatórias para seu tempo.**

Segundo Hengemüle (1997), podem-se elencar as seguintes contribuições de João Batista de La Salle (eu diria da Sociedade das Escolas Cristãs) no campo da educação: cooperação para a progressiva generalização do ensino; reconhecimento do valor e promoção da escola popular; organização de um espaço e de uma prática escolares, contribuindo ao surgimento da ‘civilização escolarizada’; influência para o estabelecimento de um currículo preciso da escola primária gratuita; participação significativa na utilização da língua materna; adoção e difusão do método simultâneo do ensino; prática de uma pedagogia fundamentada no conhecimento do aluno; colaboração para amenizar a disciplina escolar; melhoria no conceito do professor primário, caracterizando-o como profissional e impulsionando sua preparação; redação de um manual clássico em pedagogia, o Guia das Escolas; criação da primeira congregação docente constituída só de religiosos leigos.

Essa fórmula tem as seguintes características: uma finalidade bem definida e clara, buscada em conjunto e sob o compromisso dos votos: “o fim desse Instituto é dar educação cristã aos filhos dos artesãos e dos pobres”; uma organização comunitária (associativa): vida de oração, tempo e horários, controle da vida pessoal e profissional e escolar de acordo com essa finalidade; uma preocupação permanente que a eficácia, com uma ‘pedagogia’ de resultados: “ensinar a bem viver”, “que a escola vá bem”, “bom número de alunos”...

Essa fórmula estava bem explicitada tanto nas “Regras dos Irmãos das Escolas Cristãs”, quanto na “Guia das Escolas”. E eram constantemente retomadas nas cartas que João Batista de La Salle escrevia em resposta à prestação de contas mensal que cada Irmão devia fazer ao Superior.

Preocupação com os espaços físicos para o bom funcionamento da escola.<sup>12</sup> Cobrança com relação à questão financeira, e com os resultados que espera que sejam alcançados com os investimentos feitos.<sup>13</sup> As escolas devem ir bem. ‘Ir bem’, para João

---

<sup>12</sup> Je ne sais, Monsieur, si vous aurez eu égard que la maison que vous avez louée ait deux places contigües l’une à l’autre pour y tenir les écoles car c’est une chose indispensable pour nos Frères. (A M. Rigoley. Paris, ce 10 juillet 1705. LC 114,7).

<sup>13</sup> Vous savez que j’ai déjà dépensé quatre cents francs pour vous dont je ne vois pas encore de succès. (Au Frère Gabriel Drolin [23 décembre 1704]. LA 15).

Batista de La Salle significa que a escola tenha sucesso, esteja cheia de alunos, e que os alunos e os pais estejam satisfeitos.<sup>14</sup> Preocupação com o bom desempenho do mestre-escola, seja como professor, seja como membro de uma comunidade que se vê religiosa.<sup>15</sup>

“Você faz bem de tratar de fazer os alunos progredirem a fim de ter um maior número, mas também para se desempenhar de seu dever. Cuide para que a escola vá tão bem quanto a regularidade em sua comunidade” (Pour le Frère Robert. Ce 26ème février [1709].LA 57).

“Estou muito satisfeito que tenha um grande número. Seja fiel em faze-los progredir. Também estou satisfeito que sua escola vá bem e que tenha um número suficiente de alunos; tenha empenho em instruí-los bem” (Pour le Frère Robert [Ce 26ème avril 1709] - LA 58).

A Guia das Escolas vem a ser o texto maior da Sociedade das Escolas quanto à sua tarefa educativa. Nela se encontram de forma minuciosa, todos os procedimentos a serem seguidos pelos mestres em sua atividade na escola. Em sua introdução, pode-se ressaltar o trabalho coletivo dos mestres para sua redação, a partir das experiências realizadas na escola. Nela se lê: “foi necessário organizar esta Guia das escolas cristãs a fim de que tudo fosse uniforme em todas as escolas e em todos os lugares onde há Irmãos deste Instituto, e que as práticas nelas fosse sempre as mesmas. (...) Esta Guia não foi redigida em forma de regulamento senão após um grande número de conferências com os Irmãos deste Instituto mais antigos e mais capazes de conduzir bem a escola; e após uma experiência de vários anos, ela não contém senão o que bem testado e aprovado...”<sup>16</sup>

### **Conclusão.**

O que se pode concluir neste momento é que há muito a estudar nessa história das origens da Sociedade das Escolas Cristãs. É preciso resgatar o papel sem dúvida relevante que tiveram os primeiros mestres-escolas – gente do povo, gente simples, gente sem muito preparo nos moldes da elite dominante – juntamente com que tem sido objeto de todo o destaque, o cônego João Batista de La Salle. É uma intenção que me motiva enquanto sigo o programa de doutorado.

---

<sup>14</sup> Il faut tâcher d'augmenter le nombre de vos écoliers. Vous me mandiez par votre précédente que vous aviez au moins soixante écoliers. (Au Frère Gabriel Drolin [12 mai 1710]. LA 28). Il n'y a rien que vous ne deviez faire pour faire bien aller vos écoles et particulièrement la vôtre. (Au Frère Hubert [1er juin 1706]. LA 34).

<sup>15</sup> “Um se seus primeiros cuidados, meu caríssimo Irmão, deve ser o de aplicar-se à meditação e à escola, pois estas são suas duas principais ocupações e das quais prestareis contas a Deus” (Au Frère Hubert [ce 5ème mai 1702]. LA 33).

<sup>16</sup> Il a été nécessaire de dresser cette Conduite des écoles chrétiennes afin que tout fût uniforme dans toutes les écoles et dans tous les lieux où il y a des Frères de cet Institut, et que les pratiques y fussent toujours les mêmes. Cette Conduite n'a été rédigée en forme de règlement qu'après un très grand nombre de conférences avec les Frères de cet Institut les plus anciens et les plus capables de bien faire l'école; et après une expérience de plusieurs années, on n'y a rien mis qui n'ait été bien concerté et bien éprouvé... (La Salle, 1993: Prefácio).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO VIEIRA, Maria do Pilar et alii. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1991.
- AUDISIO, Gabriel. **Des croyants - XVe-XIXe siècle**. Paris: Armand Colin, 1996. 479p.
- BLAIN, Jean-Baptiste. **La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle, Instituteur des Frères des Écoles chrétiennes**. Répr. Photomé. de l'édition originale, 1733, T. I. In: Cahiers Lasalliens, 7. Roma: FSC, 1961. 444 p.
- \_\_\_\_\_. **La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle, Instituteur des Frères des Écoles chrétiennes**. Répr. Photomé. de l'édition originale, 1733, T II. In: Cahiers Lasalliens, 8. Roma: FSC, 1961. 502 p.
- BURKHARD, Leo. **Parménie. La crise de Jean-Baptiste de La Salle et de son Institut (1712-1714)**. In: Carees Lasalliens 57. Roma: FSC, 1999.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: Peter Burke (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CABOURDIN, Guy et GEORGES, Viard. **Lexique historique de la France d'Ancien Régime**. Paris: Armand Colin, 1981. 325p.
- CAMPOS, Miguel. **L'itinéraire évangélique de saint Jean-Baptiste de La Salle et le recours à l'Écriture dans ses 'Méditations pour le Temps de la Retraite'. Contribution à l'étude sur les fondements évangéliques de la vie religieuse**. Volume I. In: Cahiers Lasalliens, 45. Roma: FSC, 1974. XII-392 p.
- \_\_\_\_\_. **L'itinéraire évangélique de saint Jean-Baptiste de La Salle et le recours à l'Écriture dans ses 'Méditations pour le Temps de la Retraite'. Contribution à l'étude sur les fondements évangéliques de la vie religieuse**. Volume II. In: Cahiers Lasalliens, 46. Roma: FSC, 1974. 392 p.
- CHARTIER, Roger. **Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime**. Paris: Éditions du Seuil, 1987. 376p.
- \_\_\_\_\_. La ville acculturante. In: Emmanuel Le Roy Ladurie. **La ville de temps modernes**. Pág. 221-284. Paris: Éditions du Seuil, 1980. 657p.
- CHARTIER, Roger et alii. **L'éducation en France du XVIe au XVIIIe siècle**. Paris: SEDES, 1976. 304p.
- DAMON, François- Yves. **Les origines géographiques et sociales des Frères des Ecoles Chrétienne avant 1789**. Mémoire de maîtrise. Université Paris-I. Paris: 1973. Manuscrito.
- DELACHAUX, M. Henri. **Les Frères des Écoles Chrétiennes - Recherche sur les origines et les documents fondateurs des FEC**. Thèse de doctorat en Théologie. Strasbourg, 1991. 1005p.
- DELUMEAU, Jean. **Le catholicisme entre Luther et Voltaire**. 2ed. Paris: PRESSES UNIVERSITAIRE, 1979. 374 p.
- GALLEGO, Saturnino. **Vida y pensamiento de San Juan Bautista de la Salle - Biografía**. Madrid: BAC, 1986. 635p.
- GARNOT, Benoît. **Le peuple au siècle des lumières - Échec d'un dressage culturel**. Paris: Imago, 1990. 244p.
- GOUBERT, Pierre et ROCHE, Daniel. **Les français et l'ancien régime. 1. La société et l'état**. Paris: Armand Colin, 1991. 383p.
- GROSPERRIN, Bernard. **Les petites écoles sous l'Ancien Régime**. Rennes: Ouest-France, 1984. 175p.
- HAZARD, Paul. La crise de la conscience européenne 1680-1715. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1964. 429 p.
- HENGEMÜLE, Edgard. **La Salle: uma leitura de leituras**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. Mimeo.

- LA SALLE, Jean-Baptiste de. **Oeuvres complètes**. Données électroniques: Centre Informatique et Bible - Maredsous. Roma: Études Lasalliennes, 1993. 1575p.
- \_\_\_\_\_. **Les lettres de Sain Jean-Baptiste de La Salle**. Edição Crítica, Félix-Paul. Roma: FSC, 1954. 415p.
- LE GOFF, Jacques. A história nova. In: Jacques Le Goff. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1933.
- HERMANS, Alphonse. **Les vœux des Frères des Écoles Chrétienne avant la bulle de Benoît XIII**. In: Cahiers Lasalliens, 2,3. Roma: FSC, 1960. 2 vol.
- MORALES, Alfredo. **Niño - escolar - discípulo**. In: LAURAIRE, Léon et alii. Temas Lasalianos - Vol. 1,32, Pág. 277-285. Roma: FSC, 1992.
- MUCHEMBLED, Robert. **Culture populaire et culture des élites**. Paris: Flammarion, 1978. 398p.
- RIGAULT, Georges. **Histoire générale de l'Institut des Frères des Écoles Chrétiennes**. 9 vol. Tomo I. Paris: Plont, 1937. 627p.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999. 348p.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: Peter Burke (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- SNYDERS, Georges. **La pédagogie en France aux XVIIe et XVIIIe siècles**. Paris: Presses Universitaires, 1965. 459p.
- TAVENEAU, René. **Le catholicisme dans la France classique 1610-1715**. Tome 1. Paris: SEDES, 1994. 297p.
- TRÉVOUX. **Dictionnaire universel Français et Latin**. Paris: 1721. Tomo I.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: Marisa Vorraber Costa (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996. 164p.
- VIGUERIE, Jean de. **L'institution des enfants - L'éducation en France - XVIe - XVIIIe siècle**. Paris: Calmann-Lévy, 1978. 331p.